

## Reafirmações do feminino através dos ensinamentos da Igreja Pentecostal Assembléia de Deus e as implicações no cotidiano de mulheres tecelãs

Feminine reaffirmations through the teaching of Pentecostal Church Assembly of God and the implications in the daily life of weavers women

**Por Amanda Motta Angelo Castro**

Mestranda em Educação (UNISINOS)

Bolsista CAPES

mottaamanda@yahoo.com

**Por Edla Eggert**

Professora do PPGEDU (UNISINOS)

Bolsista Produtividade CNPq

edla@unisinos.br

### Resumo:

A pesquisa de mestrado aqui apresentada está em andamento. Encontra-se inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a orientação da professora Doutora Edla Eggert. Nosso objetivo principal é compreender como as feminilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal interferem no trabalho cotidiano de tecelagem produzida por mulheres pentecostal da igreja Assembléia de Deus. Nossa pesquisa empírica ocorre em um ateliê de tecelagem no município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul. Nosso olhar está voltado para as reflexões sobre Educação, Gênero, Religião e o trabalho artesanal realizado por mulheres. A metodologia dessa pesquisa envolve a observação participante, entrevistas individuais, as narrativas das histórias de vida e grupos de discussão com base em Wivian Weller. No texto, encontram-se citações das tecelãs durante as observações participantes e grupos de discussão. Entendemos que as narrativas das histórias de vida que estamos utilizando nesta pesquisa possibilitam que as mulheres tecelãs revivam e refaçam caminhos por elas percorridos, ajudando-as a buscar em si e no coletivo das mulheres do ateliê uma visibilidade e um reconhecimento da riqueza do que fazem. Também entendemos que ao interrogar o mundo do “sagrado” estamos criando um debate sobre a importância de que, no campo da Educação se observe a religião e como esta se faz presente nos processos de formação em espaços formais e não formais da vida cotidiana das pessoas.

### Palavras-chave:

Educação. Gênero. Religião. Trabalho de mulheres. Teoria feminista.

### Abstract:

The Master research presented here is in progress. It is inserted in the Post-Graduation Program in Education from the University of Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), under the orientation of Dr<sup>a</sup> Edla Eggert. Our main objective is to understand how the femininities learned in the society and reaffirmed by the Pentecostal Assembly of God interfere in the daily life of a weaving workshop. The empirical research takes place at a weaving workshop in Alvorada, metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Our view is turned to the reflections on Education, Gender, Religion, and the handmade work performed by women. The methodology of this research involves participant observation, individual interviews, narratives of life histories, and discussion groups based on Wivian Weller. In the text there are quotes of weavers women during participant observation and discussion groups. We believe that the narratives of life histories we are using in this research make possible to revive and to repeat paths crossed by women weavers. It can help them to look for visibility and recognition of the richness of what they do in themselves and in the women's collective. We also believe that when we examine the world of “the holy” we are creating a space for the dialogue about the importance of observing religion in the field of education as far as religion is present in formation processes in formal and non-formal spaces in the daily life of people.

### Keywords:

Education. Gender. Religion. Work of women. Feminist theory.

## Introdução: alguns apontamentos sobre a pesquisa empírica<sup>1</sup>

Nossa pesquisa empírica ocorre em um ateliê de tecelagem localizado no município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul. Alvorada possui 72,9 Km<sup>2</sup>, e área urbana legal de 52 Km<sup>2</sup>. O município é um dos menores do Estado do Rio Grande do Sul. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços e a maioria da população trabalha no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,<sup>2</sup> conta com 211.233 habitantes. Ali, mulheres “ganham a vida” fazendo arte entre tramas e fios.

Sendo uma arte milenar, a tecelagem é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais. No ateliê, os fios e tramas ganham forma e cores, em um processo de criação e produção, encantador.

Com poucas opções de trabalho, algumas mulheres buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas quanto para suas famílias. Assim, evitam o longo trajeto de deslocamento até Porto Alegre, onde muitas mulheres de Alvorada trabalham, sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e em casas de família como empregadas domésticas.

O foco do nosso olhar é a Educação, Gênero, Religião e cotidiano do trabalho feminino, buscamos compreender como as femilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal Assembléia de Deus interferem no trabalho cotidiano de tecelagem produzido por mulheres.

A pesquisa no ateliê iniciou em 2007, quando então trabalhavam por volta de quinze mulheres. Nenhuma delas aprendeu o ofício da tecelagem na família e sim com uma tecelã, que ensinou a arte da

tecelagem para as demais. As mulheres do ateliê trabalham de segunda a sexta, em turno integral, produzindo peças de vestuário feminino e produtos para casa. Elas estão organizadas em uma cooperativa. O cooperativismo representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. O objetivo principal da cooperativa não é o lucro. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei n. 5.764, de 1971, que definiu a Política Nacional de Cooperativismo.

## Metodologia da pesquisa empírica

A metodologia desta pesquisa trabalha com a observação participante e com os grupos de discussão, baseando-se em Weller.<sup>3</sup> Também realizamos entrevistas individuais para a obtenção de narrativas das histórias de vida das mulheres que trabalham no ateliê.

Em nosso grupo de pesquisa, o conceito de “experiência” tem sido estudado e debatido, (usamos o conceito de experiência que se refere à apreensão que os sujeitos fazem da realidade), pois a trajetória de quem o compõe aponta para dois campos que sempre a consideraram como desencadeadora da produção do conhecimento: a educação e o feminismo. Estamos levando em consideração o exercício de (re)leituras, dos processos de ensino-aprendizagem em um lugar de ensino não-formal e suas implicações no cotidiano do trabalho de mulheres.

A história, para Freire, tem um sentido de mudança, de transformação, de deslocamento.<sup>4</sup> Portanto, podemos pensar aqui em uma outra forma de história. Uma outra forma de “contar” o tempo, nesta perspectiva, possibilita que tenhamos um processo de mudança.

<sup>1</sup> Parte desse artigo foi apresentado no ENDIPE 2010 na UFMG e no IX Salão de Pesquisa da EST.

<sup>2</sup> INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *Indicadores sociais*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 9 out. 2009.

<sup>3</sup> WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. *A mensagem de Paulo Freire*. textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. São Paulo: Nova Crítica, 1977.

As histórias de vida têm sido utilizadas em muitos campos, incluindo o da educação popular. Esta, por sua vez, busca, através dessas narrativas, um sentido a fatos e movimentos tanto da vida cotidiana individual, quanto coletiva. A experiência dos círculos populares do Norte e Nordeste do Brasil foi um divisor de águas para se perceber a educação popular como uma força a ser resgatada, através da fala, da problematização e do exercício de contar suas histórias.<sup>5</sup> Assim, as pessoas conseguiram refazer e reviver suas próprias vivências e ler o mundo em que estão para assim participarem ativamente da história. Segundo afirmação de Freire,

o homem [sic] não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para a transformar [...] Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais [...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem [sic] descobre que é modificável e que ele o pode fazer.<sup>6</sup>

Segundo Brandão e Streck, “toda ciência social de um modo ou de outro deveria servir à política emancipatória e deveria participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e de fraternidade humana”.<sup>7</sup>

Segundo Thompson, “nas histórias orais concentramo-nos sobre aquilo que podemos aprender com elas. Mas a narração de sua história de vida pode também ter um impacto sobre elas”.<sup>8</sup> É esse impacto que buscamos ao trabalhar com estas histórias, contadas pelas mulheres do ateliê. Ouvirmos estas mulheres, entre tramas e fios, e aprendemos com elas. Entendemos que as histórias de vida não são de “mão única”, elas trazem

impactos tanto para quem pesquisa quanto para as mulheres que as contam. Nessa perspectiva, concordamos com Brandão e Streck, quando afirmam que

a pesquisa deveria fazer-se capaz também de “dar voz” e deixar que de fato “falem” com suas vozes as mulheres e os homens que, em repetidas investigações anteriores, acabam reduzidos à norma dos números e ao anonimato do silêncio das tabelas.<sup>9</sup>

### **Tecelagem: coisinha de mulher?! O trabalho de mulheres socialmente invisibilizado**

Por volta de 5000 a.C., a tecelagem era feita entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos ou cestas. Teia de aranha e ninho de pássaros podem ter sido as fontes para a criação da tecelagem. O primeiro tear foi provavelmente algo tão simples quanto uma estrutura vertical construída de galhos, no qual os fios eram pendurados e tensionados. De acordo com Lazalotti, outros fios eram então entrelaçados manualmente, a um certo ângulo daqueles já tensionados, criando um tecido rústico.<sup>10</sup>

No Brasil, algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. Trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a tecelagem passa a ser tramada no tear então trazidos por eles.

Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil. A tecelagem sobrevive, então, na clandestinidade e nas regiões mais afastadas do Brasil, principalmente no interior do Estado de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, no Sul, observamos a tecelagem por meio dos processos de produção junto a um tear de pente liço e sendo predominantemente feminino.

<sup>5</sup> EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

<sup>6</sup> FREIRE, 1977, p. 48.

<sup>7</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. *Pesquisa participante: o saber da partilha*. São Paulo: Idéias e Letras, 2006. p. 25.

<sup>8</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002. p. 196.

<sup>9</sup> BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 27.

<sup>10</sup> LANZELOTTI, Gilbert. *História da tecelagem artesanal no Brasil*. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.



## 1) Urdideira



## 2) Tear de pente liço

A tecelagem, como a conhecemos hoje, possui uma série de conhecimentos técnicos, que são realizados predominantemente por mulheres e, por essa razão, suspeitamos que esses saberes “perdem” muito de sua “técnica”, “importância” e “conhecimento”.

O esvaziamento da potência desse saber se dá por vários motivos, dentre eles, segundo Marcela Lagarde, pelo fato da sociedade em geral acolher a ideia de que as mulheres têm como missão última e valor maior a maternidade, ou seja, tomarem o cuidado para com os outros como tarefa básica.<sup>11</sup> Segundo Eggert, isso ocorre pelo fato da sociedade reafirmar a mulher como “responsável” pela esfera privada, tendo com base principal o trabalho doméstico, o amor materno e a obediência.<sup>12</sup> E

ainda para Perrot, as mulheres, ao longo da história da humanidade, sempre trabalharam; porém, seu trabalho foi invisibilizado, ora por ser um trabalho doméstico, ora pelo fato da mulher realizar trabalho artesanal ou de ajudante do marido no trabalho informal ou, ainda, em seu negócio, principalmente nos comércios.<sup>13</sup>

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres que é invisível.<sup>14</sup>

No espaço do ateliê, escutamos vários depoimentos das tecelãs sobre o que elas ouvem quando dizem que trabalham em um ateliê de tecelagem. Quando deixam explícito que são tecelãs, as pessoas geralmente as interrogam: “isso é um trabalho? É mais coisinha de mulheres para ajudar na renda familiar”. Constatamos, porém, que a maioria dessas mulheres sustenta suas casas com as chamadas “coisinhas de mulheres”. Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, dados de 2007, 60% das associadas são mulheres e entre as atividades principais estão a produção de peças de vestuário, alimentação e artesanato.<sup>15</sup>

Sabemos que a valorização e visibilidade do trabalho feminino é uma luta que está sendo travada. Porém, ainda longe de estar plenamente conquistada. O trabalho da mulher é invisibilizado e desvalorizado tanto quando se trata do serviço doméstico quanto do artesanal, dentre tantos outros trabalhos “ditos femininos”.<sup>16</sup> Isso contribui para a manutenção da sociedade patriarcal que segue inferiorizando a experiência das mulheres.

Compreendemos que o movimento feminista, tanto na militância quanto na acadêmica, conquistou muito. Porém, ainda sabemos que

<sup>11</sup> LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.

<sup>12</sup> EGGERT, Edla. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J. et al. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

<sup>13</sup> PERROT, Michelle. *Minha história sobre as mulheres*. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>14</sup> PERROT, 2006, p. 109.

<sup>15</sup> FÓRUM Brasileiro de Economia Solidária. *Mulheres e economia solidária*. Disponível em: <www.fbes.org.br>. Acesso em: 15 mar. 2009.

<sup>16</sup> Esses trabalhos são descritos Michelle Perrot no livro *Minha História sobre as mulheres*, no capítulo intitulado “O trabalho das Mulheres”.

temos um longo caminho a percorrer para a conquista de direitos iguais entre os sexos.<sup>17</sup>

### Um olhar sobre educação, gênero e religião

A pesquisa não é neutra.<sup>18</sup> Sabemos, também, que o referencial epistemológico é situado, contingente e localizado.<sup>19</sup> Por esse motivo, entendemos ser importante e necessário situarmos o campo teórico de onde falamos. Pesquisamos mulheres em uma perspectiva feminista e utilizamos o conceito de *gênero* entendido como o estudo das relações socialmente produzidas entre homens e mulheres, e destes entre si. Um conceito que foi sendo produzido nos estudos relacionados a diversos campos do feminismo e, por isso, também, de ordem ideológica, política e de lutas. Lutas que visam à transformação das relações entre todos, mulheres e homens, mulheres entre si e também homens entre si.<sup>20</sup> Portanto, compreendemos as relações de gênero como uma construção cultural das aprendizagens de ser homem e de ser mulher. É importante ressaltar aqui que gênero é sempre influenciado por fatores fundamentais como raça, etnia, cultura, classe social e idade.<sup>21</sup>

Portanto, homens e mulheres são construídos socialmente na cultura que estão inseridos. Seguindo esta ideia, somos ensinados/as desde a infância como devemos ser e nos portarmos, como homens ou mulheres, para sermos socialmente aceitos. Segundo a nossa cultura, temos um ideário de que as mulheres são sensíveis, dóceis, amáveis, frágeis, gentis, cuidadoras, ocupando-se, sobretudo do privado, da família, das “coisas”

de mulher, principalmente com o cuidado do outro; e homens, fortes, inteligentes, racionais, competitivos, provedores, ocupando-se, do público.

Gênero quer dizer, entre outras coisas. Falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião.<sup>22</sup>

Pensar na articulação entre educação, gênero e religião é “andar na contra-mão”. Sabemos que o campo religioso vem sendo escrito, pensado e dominado pelo masculino há séculos.<sup>23</sup> Logo, pensar, pesquisar e escrever sobre a mulher na religião, como atuante, tem sido a luta consciente de muitas mulheres dentro da academia por entendermos que esta, no campo da religião, também é teórica. Sabemos que a necessidade de, em uma perspectiva feminista, interrogar o universo do sagrado e da religião, historicamente, dominado pelos homens.<sup>24</sup>

### Os ensinamentos da religião para além dos muros da igreja: a fé tramada no cotidiano de mulheres tecelãs

No ano de 2009, observamos que o momento de crise financeira decorrente da situação mundial, também afetou o ateliê. Os pedidos foram reduzidos pela metade. Por falta de pedidos, algumas mulheres saíram do ateliê em busca de trabalho. Permaneceram, então, oito mulheres.

A pesquisa acompanhou momentos de despedidas, tristezas, desânimo, desesperanças e a busca das tecelãs para que, de alguma forma, a crise fosse vencida. Acompanhamos ali, a felicidade ser adiada, a felicidade de ter trabalho, de poder produzir, de poder “ganhar a vida”, de poder manter o sustento e poder sobreviver. As palavras

<sup>17</sup> SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

<sup>18</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. BRANDÃO; STRECK, 2006.

<sup>19</sup> NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

<sup>20</sup> SAFFIOTI, 2004.

<sup>21</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

<sup>22</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo: Vozes, 2000. p. 107.

<sup>23</sup> GEBARA, 2000; NUNES, Maria José Rosado. Gênero e religião. *Estudos Feministas*, vol. 13, n. 2, p. 363-365, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

<sup>24</sup> NUNES, 2005.

tristes e poéticas de Gebara passaram a fazer parte do cotidiano das mulheres tecelãs: “cada dia que passa se adia a justiça para amanhã, a plenitude do amor para depois, a felicidade para a eternidade”.<sup>25</sup> Em certo momento, observamos que a tristeza, o desgaste e o cansaço pareceu ter tomado os “ares” do ateliê.

Nesse momento de angústia, algo interessante aconteceu no grupo: as mulheres, dirigidas por uma tecelã que trabalha há dez anos no ateliê, fiel de igreja pentecostal Assembléia de Deus,<sup>26</sup> passou a organizar uma rotina no trabalho de tecelagem: a de “transmitir” ensinamentos da igreja no ateliê por meio de orações, palavras da Bíblia lidas no início da manhã e conversas informais sobre Deus com suas colegas, o que chama de “momento devocional”. A fala da tecelã Algodão (a que chamamos Tecelã Algodão)<sup>27</sup>, para a importância da Igreja em ensinar:

[...] Se tu abre a palavra de Deus está tudo ali, tudo que agente tem que fazer, tudo que é certo fazer, agente só tem que praticar e também agente tem que pregar a palavra de Deus para as outras pessoas para que todos possam aprender sobre a palavra, não é só o pastor que diz que agente tem que seguir e mostrar o caminho para as a outras mesmo as a palavra de Deus diz isso também.<sup>28</sup>

Dessa forma, elas instituíram um ritual a cada manhã: ler um versículo bíblico e orar pelo bom andamento dos seus trabalhos e suas famílias. Isso tem trazido bem-estar ao grupo, segundo o relato de todas. A fala de uma das tecelãs, durante a observação participante, retrata bem como o coletivo recebe a nova prática: “é, eu acho que está sendo bom né? Eu acredito Nele, a Tecelã Algodão tem falado muito que Ele pode nos ajudar a mudar

toda a situação aqui no ateliê, eu acredito Nele, eu preciso acreditar né? Porque preciso trabalhar”.<sup>29</sup>

Ao que parece, a necessidade organiza o desejo ou, na linguagem religiosa utilizada por elas, Deus vem ao encontro de quem pede e acredita. Entendemos que essa busca por um amparo e uma solução que “vem das alturas” compõe uma aprendizagem que, na educação das mulheres, está profundamente relacionada a um “pensamento mágico” apresentado por Marcela Lagarde.<sup>30</sup> Segundo essa autora, as mulheres são as que transmitem, rezam e choram o sentido comum da vida. A concepção do mundo é a partir da associação de ideias semelhantes que simplificam a assimilação e a interpretação das coisas. E por aprender que as forças vêm de fora, dos outros, elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. A autora relaciona uma série de itens, que são muito mais comprados, lidos e frequentados pelas mulheres do que pelos homens, como, por exemplo: as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos e a frequência a círculos de orações e igrejas.

Parece que para as tecelãs, a religião e os exercícios de fé, que vêm ocorrendo no ateliê diariamente, têm um pouco da mistura entre o mágico e o milagre. No livro *Segundo Sexo*, Beauvoir também aponta nessa direção, quando escreve sobre a mulher mística, que esta acostumada a estar de joelhos, esperando que a salvação venha “do Outro”, que venha de “fora” e não delas, que venha, portanto, de um homem.<sup>31</sup> “Foi Deus quem quis assim”, é uma fala muito ouvida no ateliê nesses momentos de incertezas. Ao mesmo tempo, a esperança e o desejo de mudança por dias de mais trabalho por meio de mais pedidos dá a elas um ânimo e uma cumplicidade que possibilita ritmo e cumplicidade; além de criar espaços de liderança que antes eram menos percebidas. A fala passou a ser um elemento central para a tecelã algodão que se anima a fazer réplicas do que o pastor faz na

<sup>25</sup> GEBARA, 2000, p. 95.

<sup>26</sup> A Igreja Assembléia de Deus foi fundada no norte do Brasil em 1911. Hoje ela é a segunda instituição religiosa em número de fiéis e templos em solo brasileiro, perdendo apenas para a Igreja Católica.

<sup>27</sup> As tecelãs são identificadas por tecidos, a partir da classificação de tecidos possíveis de tramar (algodão, linho, lã, seda, tafetá, sarja, cetim), segundo a autora Dinah Bueno Pezzolo.

<sup>28</sup> CASTRO, A. M. A. *Diário de campo*: anotações com base em conversas realizadas em 10 ago. 2009

<sup>29</sup> CASTRO, A. M. A. *Diário de campo*: anotações com base nas observações participantes durante 2009.

<sup>30</sup> LAGARDE, 2005, p. 300.

<sup>31</sup> BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

igreja. Naquele lugar, é ela quem pode ensinar e evangelizar, apesar de ser uma mulher! Logo, ela ultrapassa os muros da igreja, dentro dos quais a ela é proibido exercer atos pastorais e de liderança e no cotidiano da tecelagem encontra espaço para ser uma líder espiritual.

### Arremates provisórios

Segundo Nunes, apesar de os estudos de gênero e religião terem aumentado em número e qualidade, e apesar da maioria das religiões terem passado pelo olhar feminista, ainda temos menos estudos críticos do que seria desejável.<sup>32</sup>

Entendemos, portanto que as questões de gênero e religião estão imbricadas e por esse motivo é de extrema importância que estes sejam revisitados, por diferentes olhares, inclusive pelo campo da Educação, pois suspeitamos que uma igreja com tamanha expressão em números de fiéis como a Assembléia de Deus está culturalmente inserida na sociedade e através dos/as fiéis ensina e reafirma ensinamentos, em especial aqui, os ligados às questões da ordem do feminino patriarcal.<sup>33</sup> Portanto, podemos suspeitar que estes produzem pedagogias no cotidiano das igrejas e nos vários espaços em que eles se relacionam, sobretudo nos espaços não-formais de ensino.

Concluimos que, nesse aspecto da pesquisa, ou seja, um olhar mais voltado para a religiosidade pentecostal, por meio do estudo da manifestação da tecelã Algodão que lidera um aprendizado nesse ateliê, estamos criando um debate sobre a importância da Educação observar o quanto à religião se faz presente nos processos da formação em espaços formais e não-formais da vida das pessoas.

[Recebido em: setembro 2010 e  
aceito em: outubro 2010]

---

<sup>32</sup> NUNES, 2005.

<sup>33</sup> EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da (Orgs.). *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Pelotas: UFPel, 2009.